
O FRAGMENTO QUÂNTICO:
IDENTIDADE E ALTERIDADE NO SUJEITO PÓS COLONIAL

Lynn Mario T. Menezes de SOUZA
DLM/USP

O discurso literário do Caribe - a região nativa do escritor guianense contemporâneo Wilson Harris - se caracteriza pela problemática da fragmentação da identidade do sujeito. Populada por povos na sua maioria oriundos de outros continentes - África e Ásia - o Caribe é uma região marcada por deslocamentos e disjunções coloniais: os deslocamentos racial, histórico e lingüístico. O deslocamento histórico consiste no fato de a região ter sido colonizada por um colonizador estrangeiro - o europeu, e populada por outro estrangeiro, o africano e o asiático, sendo que os povos indígenas da região - os índios - foram, na sua maioria, dizimados pelos europeus.

O deslocamento lingüístico na região resulta da propagação das línguas dos colonizadores europeus e foi agravado pelo costume colonial escravista de não permitir o contato entre escravos falantes de uma mesma língua africana, o que significou para a maioria dos escravos, uma alienação súbita de sua língua e cultura de origem. Isso redundou no aparecimento na região de variantes lingüísticas particularizadas das

línguas colonizadoras - muitas vezes ininteligíveis aos europeus - que passaram a ser as línguas maternas dos descendentes dos africanos escravizados.

Todos esses deslocamentos desembocam na problemática da identificação lingüística e cultural que marca a região do Caribe e que aparece na temática do seu discurso literário sob as metáforas de "sujeito fragmentado", "sujeito desmemoriado", "ego desencarnado", "corpo desmembrado" entre outros (ver, por exemplo, Dash 1989 e Phillip 1990). Neste trabalho, analisaremos essa problemática a partir da perspectiva da dialética eu/ outro, na construção do sujeito pós colonial, focalizando especificamente a representação dessa dialética na obra ficcional e crítica de Wilson Harris.

Dash (op.cit.:18) aponta duas estratégias principais do discurso literário pós-colonial do Caribe: uma postula um sujeito unitário fixo e estável que atribui os significados a seu mundo, tirando à força essa capacidade das mãos do sujeito colonizador; a outra postula a necessidade de desconstruir o sujeito soberano, e vê a atribuição de significados ao mundo como algo que sempre excederá o sujeito, seja ele colonizador ou colonizado.

Enquanto a primeira estratégia postula um sujeito que estrutura seu mundo (o que representa para Dash um desejo por um mundo de significados estáveis e fixos), a segunda nega essa capacidade do sujeito; para essa segunda estratégia, o sujeito representa apenas um espaço onde se articulam o individual e o coletivo, o privado e o público, ou seja, um espaço onde o sujeito é articulado em termos de sua alteridade.

A violência produtiva

O discurso crítico e literário de Wilson Harris encaixa-se claramente nessa segunda estratégia que permite o que Glissant (citado em Dash op.cit.:19) chama de uma "poética do sujeito" que visa desestabilizar os significados sedimentados do discurso colonial. No discurso de Glissant, o conceito do "sujeito verdadeiro", descentrado, é acompanhado pela imagem do corpo alienado do escravo que, por virtude do deslocamento lingüístico, tem sua alienação completada pelo seu afastamento de sua língua materna. A imagem do corpo alienado ou desmembrado é repetida em Fanon (1986:112): "agredido em vários pontos, o esquema corporal esmigalhou-se [...] não se tratava mais de ter a consciência de meu corpo na terceira pessoa mas como três pessoas [...] não me davam um, mas três lugares [...]. Existia de forma triplicada: Eu ocupei o espaço, eu andava em direção ao outro [...] e o outro evanescente, hostil, desapareceu. Náusea. [...] completamente deslocado [...] eu me afastei de minha própria presença, bem longe, e me tornei um objeto. Que mais isso poderia representar para mim senão uma amputação, uma extirpação, uma hemorragia..."

O tropo recorrente do desmembramento no discurso crítico-literário do Caribe é geralmente usado para representar os vários deslocamentos que marcam a identidade do sujeito pós colonial caribenho. O desmembramento é geralmente visto como algo negativo: a fragmentação ou perda de uma identidade, de uma herança, de uma língua, de um passado. É nesse sentido que Fanon lamenta a violência

colonial que gerou o desmembramento e anseia por re-membrar o corpo mutilado do sujeito colonizado: "Tudo que eu queria era ser um homem entre outros homens" [ibid].

Harris, por sua vez, vê na violência do desmembramento algo positivo; o fim de um sujeito fixo e unitário e o surgimento de um sujeito híbrido, marcado por e aberto à alteridade: "[Eu queria] apontar um tema do drama primordial - a morte obscura de um chefe tribal, de uma identidade, uma entidade, a morte de Deus (em termos de auto-consciência): a mutilação e sacrifício obscuros de algo precioso a partir dos quais surge uma nova sensação configurativa, diversidade e unidade" (1967:62).

O sujeito para Harris, como o conceito de fala para Bakhtin (1989:198) nunca é algo unitário, fixo e estável, mas sempre dividido e multifacetado, uma unidade na diversidade, sempre podendo ser o Outro de si mesmo: "a personalidade é consciente de várias existências [as quais] se tornam agentes da personalidade" (citado em Maes Jelinek 1992:053). Harris vê de forma bastante positiva esse sujeito fragmentado: "... o que me parece esperançoso - e falo apenas das descobertas que tenho feito - é a descoberta de que existem estranhos em nós mesmos" (1992:125). Assim, para Harris, as sementes para uma identidade pós-colonial estão na descoberta de uma alteridade *interna* no sujeito e na cultura.

Para reforçar seu argumento a favor do poder criativo da violência, do sacrifício e mutilação, Harris (ibid) cita Mircea Eliade apontando o significado criativo da mítica deusa ou musa da existência; a violência mítica da morte da musa, citada por Eliade, é vista por Harris como

uma morte atávica "criativa", ou seja, um meio através do qual a musa se faz eternamente presente na vida dos homens: esses, ao se alimentarem com as plantas e animais surgidos da terra fertilizada pela putrefação do cadáver da musa, passam a ser permeados pela sua essência divina. A morte (desmembramento) da Deusa dá vida (unidades diversas) aos homens que assim reavivam (re-membram/ reúnem) a Deusa.

Vestígios desse drama primordial permeiam o discurso crítico de Harris na forma de sua valorização do desmembramento. Contrário, porém, à opinião de Dash (op.cit.) que interpreta essa valorização da fragmentação como um hino à indeterminação (a partir da qual ele aproxima Harris com o pós-modernismo), consideramos o conceito de Harris, da natureza *criativa* da fragmentação, como o início de um processo de criação de algo novo, de uma nova unidade na diversidade, de uma nova identidade do sujeito pós-colonial. Portanto, em contraste com o discurso pós-moderno onde o fragmento é visto como o fim das totalidades, Harris o vê como o indício de uma nova totalidade paradoxal - o todo nas partes e as partes no todo: uma totalidade "quântica".

A estratégia pela qual Harris desencadeia a sua subversão discursiva, de acordo com a segunda estratégia citada por Dash, consiste em enviesar conceitos culturais sedimentados: "Pode-se inclinar todo o campo de uma civilização quando se chega às extremidades ou à margem. Pode-se inclinar esse campo. E quando esse campo é inclinado, as pre-possessões são desalojadas" (1991:127); esse enviesamento de conceitos sedimentados ("pre-possessões"), portanto, desestabiliza as certezas de uma cultura fazendo com que apareça em seu

bojo, escancarada, a visão aterrorizadora da alteridade: "Assim, obtém-se aquele contraponto aterrorizador, no qual as parciaisidades começam a nutrir a imaginação" (ibid). Harris repetidamente enfatiza a necessidade de o sujeito conhecer os próprios limites de sua identidade através dessa visão aterrorizadora da alteridade uma vez que esse conhecimento trará consigo "uma forma diferente de iluminação" (op.cit.:123). E essa nova "iluminação" trará em seu rastro não apenas uma nova identidade mas também uma nova visão da realidade pós colonial.

Além de Dash, Maes J'elinek (1991) também cita o fato de que, por essa preocupação com a fragmentação do sujeito, Harris tem sido identificado com o pós-modernismo. Essa identificação, recusada veementemente pelo próprio Harris, (1989 (a): 27), se baseia numa leitura, a nosso ver mal informada, da obra de Harris que vê suas estratégias subversivas como a postulação da propagação de incertezas, característica essa hoje em dia caricaturada do discurso pós-moderno; essa leitura parcial de Harris não percebe a sua estratégia de simultânea e paradoxalmente desconstruir e re-construir; de propagar "enigmas" paradoxais ancorados na certeza da existência de uma verdade universal e transcendental, presente pela sua ausência, uma unidade cujos indícios únicos estão na diversidade: a visão da realidade "quântica".

A Estratégia Re-Visionária e a Sementeira de Possibilidades

A estratégia básica de Harris consiste no que ele chama estratégias "re-visionárias" (1989 (b): 49) que enviesam, como já dissemos, os

conceitos fixos, aceitos, estáveis; implícita no termo "re-visionário", está a conotação de uma nova visão, uma *re-visão*; isto reforça o fato de que o objetivo das estratégias re-visionárias não é apenas o de apontar lacunas, brechas ou incorreções, mas também, em meio disso, ver, perceber em termos afirmativos o surgimento de algo novo: "(algo) aparece, como disse, de forma sutil e evoluída. Esse (algo) tem um contorno diferente, complicações diferentes, valores diferentes. Entretanto, pode-se ver o contorno ali" (1898 (b): 49).

Essa nova visão, porém, virá de dentro e não de fora; virá das profundezas do inconsciente coletivo de onde surgirão as alteridades que constituem o sujeito. O inconsciente, para Harris, é um "útero sacrificial das origens", uma sementeira de possibilidades, semeada por mitos antigos depositados como fósseis no inconsciente coletivo (1989 (a): 21-22). Assim, as estratégias re-visionárias que Harris articula em sua obra quebram as estruturas superficiais do consciente para que o inconsciente, enquanto útero, possa assumir seu papel criativo e procriador, liberando o sujeito fixo e estável de suas amarras e permitindo que ele veja as alteridades que o constituem.

Coerente com sua postulação do sujeito fragmentado, Harris, como Glissant, procura em sua obra desmitificar o conceito do autor/narrador realista onisciente, apontando sempre a imbricação da alteridade nesse autor/narrador: "o autor deixa de ser o tipo de autor realista que normalmente se espera, porque está-se quebrando o modelo autoritário, o autor ele mesmo se torna uma ficção criada por suas próprias personagens [...] ele ou ela é suscetível a um movimento imprevisível do consciente-no-inconsciente. É uma questão de obediência completa

aos indícios intuitivos [...] uma questão de responder a um equilíbrio de forças, a vozes e culturas aparentemente eclipsadas que normalmente se é forçado a ignorar” (op.cit.: 22-23).

Essa desmitificação do narrador/ autor também não deve ser igualada ao fenômeno semelhante do pós-modernismo, justamente pelas conotações metafísicas que essa desmitificação adquire em Harris. O autor/ narrador enquanto sujeito unitário e onisciente se apaga sim, porém, não para liberar uma indeterminação desenfreada, mas para deixar transparecer, embora de forma fugaz, uma visão nova, transcendental e quântica.

A Visão Quântica

Para Harris, os conceitos de sujeito fragmentado e de apagamento do autor/ narrador, tem conotações profundamente metafísicas. A partir da crença de que “se é criado pelas coisas que se cria” (ibid), Harris qualifica a afirmação nietzscheana “Deus está morto” para dizer que não se trata da morte de Deus e sim de transformar o conceito tradicional de Deus enquanto autor absoluto das coisas, em um conceito dinâmico de criação que vê o Criador como estando presente em tudo que foi criado. Desse modo, ele procura em sua obra transformar as estruturas fixas herdadas - os “códigos autoritários” - em substância viva dinâmica. É contra esse pano de fundo que a denúncia Harrisiana “*ser completo é ser estático*” deve ser interpretada não como um hino à indeterminação, mas a uma visão dinâmica e holística do cosmos - visão essa que Harris batiza de *quântica* (1992:84).

Uma visão quântica do universo, segundo Harris, consiste na crença na existência de uma unidade implícita na diversidade; nessa visão a realidade é vista como uma rede de conexões entre todos os elementos do cosmos, sendo que cada elemento consiste numa parte metonímica de um todo cósmico, o que Harris batiza de "*originalidade do Sol*" (op. cit.:104). De acordo com esse conceito, a presença do todo - o Sol - é paradoxalmente concebível pela sua ausência, ou seja, é uma presença vista como estando parcial ou metonimicamente presente em cada elemento que a compõe; é tão-somente através das presenças parciais ou metonímicas de cada elemento que se pode "tocar" ou apreender a presença do todo; é através da alteridade que se vislumbra a identidade. Porém, uma vez que a presença do todo só pode ser apreendida através das partes, a presença da totalidade enquanto tal estará sempre ausente e, portanto, não pode ser vista ou possuída.

Para Harris, hipoteticamente, uma vez que todos os elementos do cosmos são partes de um único todo, uma vez que todas as alteridades compõem uma identidade, deveria haver a possibilidade de comunicação direta entre esses elementos parciais. No entanto, por um defeito biológico/ cultural/ histórico que impõe a compartimentalização e criação de fronteiras entre esses elementos, o acesso a essa rede de conexões é interrompida e impedida. O resultado desse impedimento é a recusa da diferença e a crença na fixidez da identidade. Esse impedimento porém, pode ser transposto pelas estratégias re-visionárias que permitem a percepção das conexões, e o acesso subsequente à rede que as une, para uma nova leitura do universo. A percepção das con-

xões partirá da re-visão daquilo que é parcial, onde as partes são vistas como partes de uma "gênese inacabada" (op.cit.:113), em devir - um diálogo dinâmico e incansável entre identidade e alteridade, unidade e diversidade.

Esse conceito esotérico da visão quântica é o que dificulta a aproximação de Harris com o pós-modernismo; retomando a presumida indeterminação no discurso de Harris, reiteramos que ela deve ser vista à luz dessa realidade quântica nos seguintes termos: tudo que parece fragmentado, dividido, desmembrado, está interligado em um nível profundo, pela rede de conexões da "originalidade do Sol"; por outro lado, tudo que parece absoluto, completo, estático, fixo, unitário, independente, contornado por limites bem definidos, pode ser visto nesse nível profundo como sendo apenas parcial, dependente, incompleto, instável, constituindo-se numa parte ínfima de uma infinidade de partes interligadas que, por sua vez, constituem uma totalidade inapreensível.

A visão quântica do cosmos descrita nesses termos, tem a nosso ver, ressonâncias da cadeia signica da *différance* derrideana (Derrida 1972, 1976, 1978), no sentido de que cada elemento/ signo não é algo definível em termos positivos mas sim em termos de suas diferenças/semelhanças com outros elementos.

Na visão derrideana, no entanto, não é uma presença, enquanto totalidade, que engloba os vários elementos diferenciais. A presença global é negada por Derrida (1976) e substituída pelo conceito de parcialidade, ou seja, *différance* representa uma cadeia signica constituída por termos diferenciais que consistem apenas de traços dos outros elementos dos quais se diferenciam; em outras palavras, todos os ele-

mentos/ signos de uma mesma cadeia signíca estão interligados. A partir do momento em que é concebível que todos esses elementos estão interligados, deverá ser possível conceber, dentro de uma perspectiva harrisiana, essa interligação como um todo que, embora sempre já ausente, paradoxalmente está presente em cada parte.

Assim, a presença da totalidade nunca pode ser apreendida a não ser parcialmente. Essa aproximação da visão esotérica da realidade quântica de Harris ao conceito desconstrutivista de *différance* nunca pode ser uma identificação, uma vez que a lógica da *différance* se estende apenas até a parcialidade de seus elementos, ao passo que a lógica quântica de Harris ultrapassa as parcialidades para postular uma totalidade que, como o sol, pode apenas ser sentido mas nunca possuído, ou seja, uma totalidade que pode apenas ser apreendida metonimicamente: "*A originalidade do Sol [...] é uma maneira de sugerir que todas as sombras, todas as formas, todos os moldes devem ser lidos como sendo parciais - vieram do Sol [...], no entanto, não podemos apreendê-los na sua totalidade*" (op.cit.:109).

Contra esse pano de fundo quântico, o sujeito fragmentado pode ser lido como sendo fragmentado num nível, na superfície, mas holístico no nível profundo do inconsciente. Assim a frase já citada de Harris "*Existem estranhos em nós mesmos*" (op.cit.:81) pode ser lida como se esses estranhos do inconsciente, contribuísem para a formação do sujeito - a alteridade na identidade; possuindo um inconsciente coletivo e universal, o sujeito não é mais apenas um ou mais fragmentos, mas sim um conjunto de fragmentos de um todo supra-individual que lhe pro-

porcionará uma identidade paradoxal e dinâmica permeada por alteridades.

O Ensaio Infinito

Harris chama de "analfabetismo da imaginação" a situação na qual o sujeito impõe um contorno à sua identidade e usa esse contorno para negar a alteridade; Harris adverte contra as conseqüências violentas da exclusão da alteridade: "Se temos culturas que se fecham em determinadas funções, [culturas] que lêem o mundo de um único modo, então isso resulta em fanatismo, resulta em terror - uma recusa total, uma dificuldade total para ler o mundo de qualquer outro modo, para fazer qualquer outro tipo de ajuste" (1989 (a):18). Nessas culturas que se fecham em "moldes" Harris inclui tanto culturas colonizadoras quanto culturas pós-coloniais, com as do Caribe. Para Harris, culturas colonizadas que se enclausuram em moldes de negação da alteridade sofrem de um "legado ou psique de conquista", que consiste em negar a existência do Outro e tentar realizar o que Bhabha (1986:xv) chama de "sonho de inversão", ou seja, desejar ocupar o lugar do Outro na dialética da construção da identidade.

Segundo Harris, "é muito fácil para uma sociedade destronar um opressor, mas é igualmente fácil para aqueles que destronaram o opressor tornarem-se, eles mesmos, opressores" (op.cit.:25). Para Bhabha, o sonho da inversão dos papéis dominante/ dominado, colonizado/ colonizador é uma impossibilidade uma vez que o oprimido, para ocupar o lugar do opressor e se vingar enquanto oprimido, teria que

ocupar ambos os lugares - de opressor e de oprimido - simultaneamente. Harris, por outro lado, advoga exatamente essa necessidade de ocupar simultaneamente o lugar do sujeito e o lugar do Outro para poder quebrar os moldes limitadores que impedem a aceitação da alteridade. A ocupação simultânea dos dois lugares leva ao reconhecimento da alteridade na constituição da identidade.

Essa estratégia re-visionária de ocupar ou ensaiar dois lugares de sujeito simultaneamente, facilitando a abertura do sujeito para a alteridade, exemplifica o processo que Harris chama de "ensaio infinito" [*infinite rehearsal*], que neutraliza a agressão gerada pelo legado de conquista.

No contexto do processo da construção do sujeito pós colonial, o ensaio infinito pode ser entendido como a percepção de várias imagens de alteridade presentes na identidade do sujeito: conquistador, conquistado, conquistado-conquistador, conquistador-conquistado etc; a metáfora teatral de um ensaio infinito, sem uma encenação final, sugere que, nesse processo de construção da identidade do sujeito, e para se livrar dos efeitos nocivos do legado de conquista, cabe ao sujeito colonizado ensaiar um número quase infinito de identidades (ou seja ensaiar os papéis das várias alteridades que constituem sua identidade), sem, no entanto, chegar a uma identidade definitiva final. Através desse ensaio infinito, o sujeito pós colonial perceberia seu hibridismo; ele perceberia a alteridade como um fenômeno interno a ele mesmo, e constitutivo dele mesmo; de forma contrária, a chegada a uma identidade final, definitiva, implicaria, necessariamente, em identificar a alteridade como algo externo, contra o qual (isto é, eliminando o qual) o

sujeito se definiria, reavivando, conseqüentemente, o legado ou psique da conquista que enclausura o sujeito em sua mesmice e o levaria a repetir as barbaridades da História.

Em seu quarteto de romances *'The Guyana Quartet'*, Harris usa a metáfora do "olho vivo cerrado" para representar o sujeito enclausurado em si mesmo (1989 (a):26). Essa metáfora joga com o trocadilho "eye/ I" (olho/ sujeito). O olho está cerrado em sua ilusão de completude, na sua incapacidade de enxergar a alteridade; porém, pelo fato de estar vivo, existe a potencialidade de o olho se abrir para a diferença, para a alteridade. Essa metáfora reafirma a crença de Harris na possibilidade de o sujeito pós colonial conseguir quebrar seu molde restritivo e aceitar a alteridade e o hibridismo que o caracteriza.

A Flauta Caraíba

Com o intuito de reafirmar essa sua crença na possibilidade de abertura do olho cerrado do sujeito pós colonial, Harris nos lembra do costume dos índios Caraíbas, indígenas do Caribe, de matar o inimigo, devorar uma porção de sua carne e fazer uma flauta de um osso seu. A explicação antropológica clássica para esse costume é que os Caraíbas acreditariam que a devoração do inimigo lhes garantiria acesso a seus segredos, uma vez que tanto o espírito do inimigo quanto seus segredos repousariam em seus ossos. Portanto, fazendo com que música saísse da flauta representaria para eles, ainda segundo a interpretação antropológica, o controle máximo sobre o inimigo.

Harris recusa essa explicação como simplista e a vê calcada numa negação da alteridade por parte dos antropólogos, uma vez que tal explicação se fundamenta no estereótipo de "canibal" visto como aquele que devora o outro para eliminar a diferença/ alteridade.

Harris considera a devoração do inimigo e a elaboração da flauta como uma tentativa dos Caribbas de consumir seus próprios moldes, de quebrar suas funções limitadoras, se abrindo para, e absorvendo, a alteridade de forma metonímica. Longe de meros canibais primitivos, Harris os vê como modelos da compreensão do necessário hibridismo do sujeito - da busca necessária pela diversidade na unidade, e da necessidade de uma imbricação íntima com a alteridade.

É assim que, dentro de sua visão quântica do cosmos, de parcialidades interligadas num todo inapreensível, transcendente, Harris coloca a sua visão da construção do sujeito híbrido pós colonial. Na sua cruzada contra o Eu/ olho vivo, cerrado em moldes excludentes, Harris denuncia: "... na gravidade de nosso mundo, fizemos com que coisas parciais se tornassem absolutas". Vê-se algo como absoluto quando sua parcialidade é negada; quando suas interligações com outros elementos, com a diferença e a alteridade, são desapercibidas.

Através de estratégias re-visionárias, poder-se-á passar a perceber as interligações e reinstaurar a alteridade no eu, a diferença no mesmo, a alteridade na identidade: "Temos um mundo que é atormentado e rasgado e dividido em todo tipo de compartimento, e as pontes [...] são difíceis de sustentar. Porém, existem. Podem ser encontradas. Podem ser descobertas e re-descobertas" (1992:114).

A missão que Harris se coloca em sua obra, portanto, é de, através das estratégias re-visionárias, transformar a percepção da parte - antes vista como absoluta e independente - e mostrá-la como fragmento de um todo maior, ligado a todos os outros fragmentos que, juntos, formam um todo transcendente, inapreensível, porém, nem por isso incompreensível ou indesejável.

É contra esse pano de fundo que Harris vê a identidade do colonizado caribenho como sujeito fragmentado, desmembrado, onde cada fragmento ou parte desmembrada não é algo independente, desligado das outras partes, mas sim articulado com elas numa gênese infinita num nível profundo do inconsciente, recuperando a alteridade na identidade e a diversidade na unidade. Ou vice versa.

Referências Bibliográficas

- Bakhtin, M. 1989 *Discourse in the Novel* in Rice, P., Waugh, P. (eds) *Modern Literary Theory*, London, Edward Arnold.
- Bhabha, H. 1986 'Foreword: Remembering Fanon: Self, Psyche and the Colonial Condition' in Fanon, F. 1986 *Black Skin, White Masks*, London, Pluto Press.
- Bhabha, H. 1986 'The Other Question: difference, discrimination and the discourse of colonialism' in Barker, F., Hulme, P. (eds) *Europe and its Others*, Colchester, University of Essex.
- Dash, M. 1989 'In Search of the Lost Body: redefining the subject in Caribbean literature' in Slemon, S., Tiffin, H. (eds) *After Europe*, Sydney, Dangaroo.

-
- Derrida, J. 1972 *Posições* (trad. M.C.CBarbosa), Lisboa, Plátano.
- Derrida, J. 1976 *Of Grammatology* (trad. Gayatri Spivak) Baltimore, Johns Hopkins University Press.
- Derrida, J. 1978 *Writing and Difference* (trad. Alan Bass), Chicago, University of Chicago Press.
- Harris, W. 1967 *Tradition, The Writer and Society*, London, New Beacon
- Harris, W. 1985 'Note on the genesis of The Guyana Quartet' in *The Guyana Quartet*, London, Faber.
- Harris, W. 1989 (a) 'Literacy and the Imagination' in Gilkes, M. (ed) 1989 *The Literate Imagination: Essays on the Novels of Wilson Harris*, London, Macmillan.
- Harris, W. 1989 (b) 'Validation in Fiction: a personal view of imaginative truth' in Butcher, M. *Tibisiri: Caribbean writers and Critics*, Sydney, Dangaroo.
- Harris, W. 1992 'The Radical Imagination' in Riach A., Williams, M. (eds) 1992 *The Radical Imagination: Lectures and Talks by Wilson Harris*, Liège, Université de Liège.
- Phillip, M.N. 1990 *She Tried Her Tongue Her Silence Softly Broke*, Toronto, Ragweed.